A Capoeira de João e a Ginga do Vento



João não era do tipo que andava devagar.

Se a mãe pedia para ele buscar o chinelo no quarto, ele ia pulando nas linhas do piso.

Se o pai chamava para ajudar a regar as plantas, ele transformava o regador em microfone e a mangueira em uma cobra d'água muito engraçada.

João gostava de correr, de inventar passos e de se equilibrar na mureta baixinha do quintal, como se fosse um artista de circo atravessando um fio invisível.

— Menino, você tem formiga nos pés! — dizia a mãe, rindo.

— Não, mamãe. Tenho vento! — ele respondia, abrindo os braços.

Num sábado bem ensolarado, João foi à praça com o pai para comprar milho verde e pastel de queijo. A praça estava mais animada do que de costume. De um lado, crianças brincavam de pega-pega. Do outro, um vendedor de balões tentava convencer um cachorro de que seus balões não eram brinquedos de mastigar.

Mas João nem reparou nisso por muito tempo.

Porque, bem no centro da praça, ele ouviu um som diferente.

Dim... dom... dim-dom...

João parou na mesma hora.

— Pai... que barulho bonito é esse?

O pai sorriu.

— Isso é o berimbau. Parece que hoje tem roda de capoeira na praça.

João arregalou os olhos.

— Capoeira? Aquela que parece luta, parece dança e parece brincadeira ao mesmo tempo?

— Essa mesma.

João segurou a mão do pai e quase o puxou até a roda.

Ali havia um grupo de pessoas em círculo. Algumas batiam palmas. Outras cantavam. No meio da roda, dois capoeiristas se movimentavam com leveza. Um gingava para um lado. O outro se abaixava com rapidez e voltava a sorrir. Parecia uma conversa feita com o corpo.

João assistia sem piscar.

Quando a música parou, um homem alto, de barba curta e sorriso aberto, percebeu o encantamento do menino.

— Gostou? — perguntou ele.

João assentiu com tanta força que quase perdeu o equilíbrio.

— Gostei muito! Isso é difícil?

O homem riu.

— Algumas partes levam tempo. Mas começar pode ser divertido. Eu sou o Mestre Bira.

João apertou a mão dele.

— Eu sou João. E acho que tenho vento nos pés.

Mestre Bira levantou as sobrancelhas.

— Então você já tem uma boa ajuda para aprender a ginga.

O menino olhou para o pai, que fez um sinal de “pode ir”.

Logo João entrou na roda, um pouco tímido e um pouco orgulhoso.

Mestre Bira colocou o menino à sua frente.

— Primeiro, João, a gente aprende a ginga. A ginga é um movimento importante da capoeira. O corpo vai de um lado para o outro, os pés se alternam e os olhos ficam atentos.

— Igual ao vento? — perguntou João.

— Um vento que pensa — respondeu o mestre, sorrindo.

Algumas crianças que treinavam ali também chegaram perto. Havia Lila, que usava duas marias-chiquinhas; Bento, que batia palma no ritmo certinho; e Caíque, que sorria até quando estava concentrado.

— Vem, João! — chamou Lila. — A gente te ajuda.

Mestre Bira demonstrou. Um pé para trás. Um pé para frente. Corpo balançando. Braços levantados, protegendo o rosto.

João tentou repetir.

Foi para um lado.

Depois para o outro.

Então seus pés decidiram fazer outra coisa completamente diferente.

Plof!

João sentou no chão.

Por um segundo, achou que iria ficar com vergonha.

Mas Lila começou a rir.

Bento também.

Caíque deu um pulinho e disse:

— Isso acontece com todo mundo no começo!

Até Mestre Bira deu uma risada boa, daquelas que fazem os ombros balançarem.

— A capoeira não gosta de pressa, João. Ela gosta de atenção, prática e alegria.

João levantou, limpou a poeira do short e resolveu tentar de novo.

Dessa vez, conseguiu gingar duas vezes sem cair.

Na terceira, tropeçou no próprio pé.

Na quarta, quase deu certo.

Na quinta, deu mesmo.

— Consegui! — gritou, feliz.

As pessoas da roda bateram palmas.

Plá-plá-plá-plá!

Mestre Bira então mostrou outro movimento, uma esquiva simples.

— Agora imagine que você está desviando de uma folha que veio voando com o vento.

João gostou da imagem.

Baixou rapidinho, como se uma folha enorme e imaginária tivesse passado sobre sua cabeça.

— Muito bem! — elogiou o mestre.

O berimbau recomeçou:

Dim-dom... dim-dom...

O atabaque entrou em seguida.

Tum... tum... tum...

As palmas acompanharam o ritmo.

João percebeu que não era só uma luta nem só uma dança. Era um encontro de música, movimento, atenção e respeito.

Na pausa da roda, sentou-se ao lado do pai, que lhe entregou um copo de água.

— E então? — perguntou o pai.

João bebeu um gole e respondeu:

— Pai... parece que o corpo conversa com a música.

O pai sorriu, orgulhoso.

— Bonita maneira de dizer.

Enquanto descansavam, Mestre Bira contou para as crianças, com palavras simples, que a capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira muito importante, construída ao longo do tempo por pessoas negras no Brasil. Explicou também que ela reúne movimento, música, canto e convivência.

João ouviu tudo com atenção.

Depois da conversa, veio a parte de que ele mais gostou: experimentar outra vez.

Agora, porém, não estava sozinho.

Lila gingava diante dele com cuidado.

Caíque mostrou como entrar e sair da roda com respeito.

Bento continuava nas palmas, orgulhoso de nunca perder o compasso.

Mestre Bira observava.

— Isso, João. Não lute contra o ritmo. Escute o ritmo.

João respirou fundo.

O berimbau tocou.

As palmas continuaram.

O menino deixou os pés seguirem o som.

Um passo para trás.

Outro para frente.

Corpo balançando.

Olhos atentos.

Quando percebeu, estava gingando com tanta leveza que o pai abriu um sorriso de ponta a ponta.

Foi nesse momento que uma rajada de vento atravessou a praça.

Os papéis do vendedor de pastéis voaram.

O chapéu de um senhor quase caiu na fonte.

E o lenço colorido de dona Celina saiu dançando pelo ar.

— Meu lenço! — ela gritou, mais surpresa do que brava.

O lenço passou pela roda como se também quisesse aprender capoeira.

João arregalou os olhos.

Sem pensar muito, deu um passo para o lado, outro para frente, abaixou o corpo e segurou o lenço antes que ele caísse numa poça de água da fonte.

Todo mundo ficou em silêncio por um segundo.

Depois, a praça inteira explodiu em palmas.

— Bravo! — disse dona Celina. — O menino da ginga rápida salvou meu lenço!

João devolveu o tecido, corado de alegria.

Mestre Bira colocou a mão no ombro do garoto.

— Está vendo? O vento já é seu amigo mesmo.

Lila cochichou:

— Agora você virou herói da roda.

João riu.

— Herói nada. Só não queria que o lenço fugisse de vez.

Dona Celina amarrou o lenço na cabeça e agradeceu com um abraço.

Naquela tarde, antes de ir embora, João perguntou ao pai:

— Posso voltar no próximo sábado?

— Claro. Quer aprender mais?

— Quero. Mas não é só isso.

— O que mais?

João olhou para a roda, para o berimbau, para as crianças e para Mestre Bira.

— Acho que encontrei um lugar onde o vento entende meus pés.

O pai apertou sua mão com carinho.

— Então já valeu o passeio.

No sábado seguinte, João voltou.

E no outro também.

Com o tempo, aprendeu movimentos novos, cantigas diferentes e até o momento certo de entrar na roda com calma e respeito.

Mas, para ele, o melhor de tudo nunca foi dar o salto mais bonito nem fazer a ginga mais comprida.

O melhor era ouvir o primeiro toque do berimbau e sentir, lá dentro do peito, que alguma coisa sorria.

Dim... dom... dim-dom...

Era como se a música dissesse:

João, pode entrar. A roda está esperando por você.

Fim.

Perguntas sobre a história

Depois da leitura, converse com as crianças sobre os acontecimentos e incentive a participação oral.

1. Como se chamava o menino da história?
2. Qual instrumento João ouviu na praça pela primeira vez?
3. Quem convidou João para aprender a ginga?
4. O que aconteceu quando João tentou gingar pela primeira vez?
5. Quais amigos ajudaram João durante a roda de capoeira?
6. O que João fez quando o lenço de dona Celina voou com o vento?
7. No final, por que João quis voltar à praça no sábado seguinte?

Pergunta para imaginar: Se você participasse da roda, qual som gostaria de ouvir primeiro: o berimbau, o atabaque ou as palmas?